



Conjunto de Fotografias 8 - Diário de Campo - 14/05/2012 - Contrariando as idades
Fonte: Arquivo da Pesquisadora

A convivência entre as crianças possibilita a construção de redes de sociabilidade entre os maiores e menores, e, muitas vezes, tal convívio é suprimido por professoras e ADIs, mesmo estando em espaços comuns que poderiam ser compartilhados (pátio, refeitório, parque). As profissionais da escola persistem em agrupar e organizar as crianças com seus pares de mesma idade ou com idades próximas, tal como foi possível evidenciar em algumas atividades coletivas, na acolhida³⁶ e em momentos festivos. Assim, em nome do cuidar, proteger, respeitando as fases de desenvolvimento infantil, as profissionais do Centro Municipal de Educação Infantil lhes negam o direito de decidir o que fazer, brincar juntas e interagir com crianças de idades diferentes.

Porém, mesmo diante dessa realidade, as crianças subvertem essa ordem e se apresentam como sujeitos históricos que, ao transgredirem normas escolares, vão além de concepções etapistas do desenvolvimento. Pode-se verificar tais comportamentos infantis em outra situação que ocorreu na festa de São João do CEMEI.

³⁶ Projeto desenvolvido pelas ADIs, após o café da manhã com as crianças de 1 a 3 anos (crianças da creche) no pátio do CEMEI. O projeto foi desenvolvimento de abril a outubro de 2012.

No dia 22/06/2013, a festa de São João do CEMEI estava muito bonita, havia fartura de comidas típicas, muitas brincadeiras, músicas e danças, porém cada grupo de crianças estava limitado em seus espaços de acordo com a faixa etária – turma da pré-escola no pátio, turma de 1 e 2 anos num canto do solário e as turmas de 3 anos em outro espaço do solário; apesar dessa organização as crianças, mais uma vez, subvertem a ordem, ultrapassam os portões e promovem a tão preocupante mistura de criança. As crianças de um e dois anos extrapolam os limites que as separam das crianças de três anos e se interessam pelas danças, músicas e brincadeiras que foram direcionadas para as crianças de três anos. Mariana (1 ano e meio) balança o vestido e tenta participar do desfile proposto às crianças de três anos, assim como Henrique (1 ano e meio) que se interessa pela brincadeira da maçã, e sorria ao vê-la balançar de um lado para outro, desejando mordê-la.

(Diário de Campo em 22 de junho de 2012).





Conjunto de Fotografias 9 - Diário de Campo – 22/06/2012 – Festividades e fichas etárias

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Assim, fica evidente que mesmo nos espaços modificados em dias de festas, as crianças continuam a unificá-los com naturalidade, também contestam pré-noções referentes a elas. A interação entre as crianças de idades variadas possibilita novas disputas, confrontos, alianças, amizades, descobertas e aprendizagens.

A mistura entre as crianças de idades diferentes pode ser tão significativa para as crianças, para as profissionais docentes e para a sociedade de forma mais ampla, quanto já é a convivência entre crianças da mesma idade - experimentando vivências mais e menos conflitivas, mais e menos cooperativas, tendo a oportunidade de conviver com parceiros da mesma idade e também de idades diferentes (PRADO, 2006, p. 154).

É necessário salientar que quando falamos em misturar as crianças estamos afirmando ser importante possibilitar interações e troca de experiências entre elas e não apenas da integração de corpos em um único local, tal como observamos em outra oportunidade:

Na manhã do dia 09/07/2012, as crianças de 1 a 3 anos estavam participando do momento de acolhida realizado pelas ADIs, este dia está direcionado para o desenvolvimento de brincadeiras, assim destinaram para cada faixa etária uma brincadeira diferente. 1 ano - acertar a bola na boca de um palhaço; 2 anos – estourar bolas com o bumbum; 3 anos – utilizar uma caixa como um sapato e andar de uma ponta a outra do pátio. As turmas brincavam cada uma no seu momento; assim, enquanto as crianças de um ano jogavam bolinhas na boca do palhaço, as crianças de dois e três anos deveriam esperar sentadas; o mesmo ocorria quando as crianças de dois anos brincavam, enquanto estouravam as bolas, as turmas de um ano e três anos esperavam sentadas. Essa espera sentada só foi possível por algum tempo, pois as crianças aos poucos iam se levantando, desejando também participar das brincadeiras das outras turmas.

(Diário de Campo – 09 de julho de 2012)

Ficou evidente que as crianças de diferentes idades foram colocadas juntas num mesmo espaço, porém a integração entre elas era limitada pelo tipo de brincadeira destinada a cada faixa etária e pelo tempo para desenvolvê-la. Mesmo diante de tais delimitações, enquanto esperavam a sua vez de brincar, as crianças interagiam e compartilhava risos, histórias, beijos, abraços e até alguns tapas. Assim, Prado (2006, p. 154) argumenta a necessidade de construir uma Pedagogia que

[...] que leve em consideração a condição infantil e a capacidade das crianças menores e maiores, quando juntas, construírem uma relação de referência umas para as outras, no sentido de demonstrar, disputar, sugerir, negociar, convidar, trocar e compartilhar experiências e brincadeiras. Nestes momentos, menores e maiores estabelecem relações mais solidárias e cooperativas do que quando estão separadas [por turma e idade].

Quanto às festas, comemorações e atividades de acolhida, é importante acrescentar que mesmo sendo organizadas de acordo com as normas e regras escolares, apontam caminhos para a consolidação de outros espaços-tempos educativos, bem como para possibilidades de diálogo e aproximações entre a produção cultural para as crianças e as culturas produzidas pelas crianças no cotidiano escolar.

Principalmente nos momentos festivos e momentos de acolhida das crianças, foi possível observar que, à medida que o espaço era alterado para realização dos eventos e que as ADIs e Professoras se preparavam para acolher as crianças, é que se alteravam as relações sociais entre crianças e adultos e entre crianças e seus pares de mesma faixa etária e de faixa etárias diferentes.

Nos dias festivos e nos momentos de acolhida, era possível observar que as vontades e iniciativas das crianças eram mais consideradas e respeitadas por Professoras e ADIs, tal como se lhes fosse dada maior oportunidade de conviver com seus pares, com crianças de outras idades, com outras professoras, familiares e membros da comunidade.

As fotografias a seguir demonstram momentos nos quais as crianças estão entre seus pares, entre crianças de faixas etárias diferentes e entre as professoras e ADIs, e brincam, cantam, dançam, dramatizam, ouvem e contam histórias. As culturas infantis se conectam e se integram nos momentos festivos e de acolhida evidenciando formas variadas que merecem reflexão sobre “as possibilidades impossibilidades de se viver nas festas e acolhidas, a transgressão ou a infância em sua plenitude” (PRADO, 2006, p. 153).



Fotografia 49 – Crianças, professoras e ADIs brincam no momento de acolhida
Fonte: Arquivo da Pesquisadora



Fotografia 50 – Crianças, professoras e ADIs brincam no momento de acolhida
Fonte: Arquivo da Pesquisadora



Fotografia 51 – Crianças, professoras e ADIs brincam no momento de acolhida
Fonte: Arquivo da Pesquisadora



Fotografia 52 – Crianças, professoras e ADIs brincam no momento de acolhida
Fonte: Arquivo da Pesquisadora



Fotografia 53 – Crianças e coordenadora pedagógica dançam numa apresentação em comemoração ao aniversário do CEMEI
Fonte: Arquivo da Pesquisadora



Fotografia 54 – Crianças e coordenadora pedagógica dançam numa apresentação em comemoração ao aniversário do CEMEI
Fonte: Arquivo da Pesquisadora



Fotografia 55 – Crianças, professoras e mães dançam quadrilha na festa de São João
Fonte: Arquivo da Pesquisadora.



Fotografia 56 – Crianças, professoras e ADIs dançam quadrilha na festa de São João
Fonte: Arquivo da Pesquisadora.

Como já citado nos capítulos anteriores, é “no vai-vem entre culturas geradas e conduzidas e dirigidas pelos adultos para as crianças e culturas constituídas nas interações entre as crianças que se constituem em mundos culturais da infância” (SARMENTO, 2003, p. 5).

Nesse sentido, ao evidenciar que as crianças aprendem com seus pares, que são atores sociais, produtoras de culturas, não se nega a importância da ação do professor, mas sim a ampla, pois a socialização das crianças e suas culturas não se limitam a um efeito das relações adultos/crianças, mas é também um efeito das relações entre as próprias crianças.

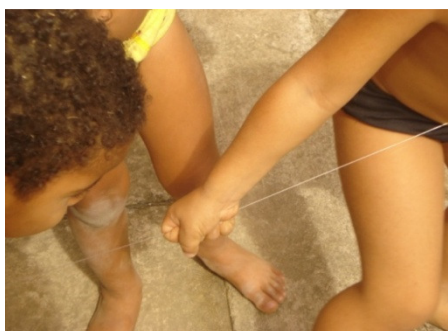
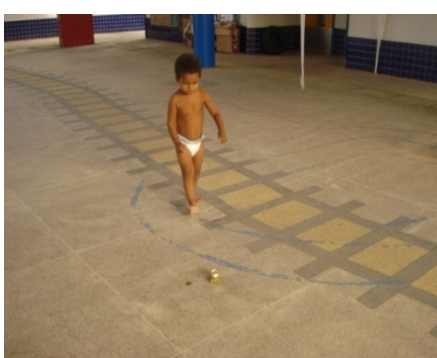
Assim como não se quer negar a condição de as crianças poderem ser crianças (FARIA; ROCHA, 1999), também não se pretende negar a condição dos adultos como mediadores e parceiros das crianças no processo de aprendizagem. Muitas vezes, é negado o papel como adulto, que pode estar com as crianças, não apenas quando é indiferente ou negligente com elas, mas também ao agir de forma autoritária, controlando-as, com intuito de protegê-las e moralizá-las, com pouco diálogo e pouca participação nas ações; sendo permissivos, aceitando os seus desejos e suas ações, oferecendo pouco e, conseqüentemente, exigindo pouco delas.

O episódio, a seguir, retrata uma dessas condições do adulto nas suas relações com as crianças no CMEI:

Murilo traz da sala de aula um carrinho e fica empurrando no chão. De repente se aproxima de mim com o carrinho em uma mão e um fio de náilon na outra. Amarro o fio de náilon no carrinho e, entusiasmado, ele sai puxando o brinquedo pelo pátio. Assim que começa a puxar o carrinho, seu irmão gêmeo, Marcos, aproxima-se e pede para brincar também. Murilo não permite e continua brincando sozinho. Marcos insiste e começa a chorar. Faço a mediação para que o primeiro permita que seu irmão brinque e em seguida devolva o carrinho. Murilo permite que seu

irmão brinque. Marcos brinca alguns segundos, porém quando Murilo solicita novamente o carrinho, ele se nega a devolver e começam a disputar o brinquedo. Antes de ter a chance de fazer uma nova intervenção a ADI da turma, que estava no pátio, mas não observava a brincadeira, e, devido ao choro de Murilo, aproxima-se das crianças toma o carrinho e diz: - Pronto, a brincadeira acabou!

(Diário de Campo - 27/09/2012)



Conjunto de Fotografias 10 - Diário de Campo – 27/09/2012 – Vivenciando conflitos
Fonte: Arquivo da Pesquisadora.

Diante do episódio anterior, pode-se considerar ser necessário permitir às crianças experimentar e viver situações de desafios, conflitos, criação, de segurança e, na condição de adulto, pode-se assumir o papel de mediadores ativos e participativos das ações infantis no cotidiano escolar.

Observamos, no decorrer de todo o estudo, que, se por um lado, os adultos concordam que as crianças têm maturidade intelectual para compreender algumas regras, por outro, alguns deles parecem não concordar que essas mesmas crianças têm também maturidade crítica para construí-las junto com eles, ou seja, acredita-se que as crianças são capazes de entender o que podem ou não fazer, mas, na contramão dessa mesma capacidade, não se pergunta a elas o que querem ou não fazer. Assim, as crianças têm condições de esperar sua vez de ir ao banheiro, esperar sua vez de falar, de andar em filas, de respeitar os amigos que estão vendo televisão, de esperar sentadas pelo professor, mas não podem optar por querer ou não dormir, de ir ao parque ou ficar na sala. Buckingham (2006) alerta que as crianças terão competência para fazer determinadas coisas à medida que elas tiverem a chance de se envolver com essas coisas.

Dessa forma, Prado (2006, p. 158) propõe

[...] uma Pedagogia da Educação Infantil que possibilite às professoras aprender com as crianças, inventando, transgredindo, lidando com o inusitado e com o imprevisto, num espaço em que ambas possam expor seus sentimentos, pensamentos, atitudes, propõe-se como uma educação anti-idadista e interetária, que não priorize uma determinada idade em função de outras e que permita composições múltiplas entre as crianças de idades iguais e diferentes, não apenas na divisão dos espaços e das atividades educativas, mas efetivamente compartilhando-as entre si espaços e tempos.

Enfim, o que evidenciamos foi a necessidade de processos de sociabilidades no cotidiano escolar, em que se esteja atento às necessidades das crianças e as suas práticas culturais, considerando-as em sua alteridade, como outra modalidade possível do humano.

5 CULTURAS INFANTIS: INFÂNCIAS PLURAIS NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a infância e as crianças como atores sociais tem sido um desafio que diariamente exige se desvincular de convicções adultocêntricas para tentar manter verdinha a “orelha-criança”, disponível à ausculta, e assim poder ouvir o que muitos adultos já não podem mais entender, nem ouvir: as falas das crianças expressas pelas diferentes linguagens e pelas distintas formas de viver a infância, em contextos socioculturais diversos, adversos e complexos.

Nesse sentido, não caberia perguntar sobre o que são, afinal de contas, as infâncias, as crianças, levando em conta o que as diferentes crianças têm a dizer sobre si próprias? As ideias de infância, assim como as emoções e os valores que a acompanham, tal como sugerem os sociólogos da infância, não são previamente dadas e nem fixadas, estando antes sujeitas a um constante movimento do processo histórico, uma batalha social e política em torno de significados e valores. O que se reconhece atualmente é que as crianças, elas próprias, participam deste movimento histórico.

Ao falar de crianças, não estamos apenas considerando as gerações mais novas, mas consideramos a sociedade na sua multiplicidade, na qual as crianças nascem, constituem-se como sujeitos e se afirmam como atores sociais, na sua diversidade e na sua alteridade diante dos adultos (SARMENTO, 2005).

Para o estudo e entendimento da condição infantil, é preciso levar em conta que as crianças estão imersas nos processos de socialização dos modos de vida adultos e, por isso, possuem uma autonomia relativa em relação a esses modos de viver e aos processos de institucionalização da infância e de controle de suas experiências, seja pela sociedade, pela família e escola.

Nesse sentido, enfrentar a questão das tensões e contradições presentes nas relações entre adultos e crianças é fundamental para se avançar em direção a uma concepção de socialização que integre esses dois atores sociais no CEMEI, e, possivelmente, em outras instituições de educação infantil, a tal ponto que as manifestações das crianças não sejam despercebidas e reduzidas, ou ainda, tal como define Plaisance (2004), que não sejam levadas a *processos de socialização invisível*.

Assim, dar visibilidade às crianças do CEMEI e suas produções culturais no cotidiano escolar foi nossa intenção, ao desejar compreender como elas vivenciam as experiências de

ser criança no cotidiano da Educação Infantil e como produzem suas culturas infantis nas relações entre seus pares, no espaço-tempo do recreio, das atividades livres e dirigidas e das festividades realizadas no pátio do CEMEI de Itabuna.

Dessa forma, o ponto de partida foi o entendimento de que as culturas da infância constituem formas de ação social das crianças, pois estas não apenas internalizam e reproduzem a cultura adulta, mas a interpretam e as (re)criam.

O brincar, por sua vez, também foi compreendido, desde o início, não como a síntese ou sinônimo das culturas infantis ou da vida social das crianças, mas como uma ação social que também é contextualizada, parte importante de suas vidas e experiência concreta pela qual, e na qual, agem sobre a realidade e a (re)constroem, interagindo e desenvolvendo ações comuns com outras crianças, afirmando diferenças e semelhanças, cooperando, divergindo e negociando, reproduzindo, criando e partilhando significados, conhecimentos e regras e, sobretudo, reconhecendo-se como membros de grupos de pares.

Nessa iniciativa, focalizamos igualmente as relações sociais entre pares, relações de amizade, de troca de experiências, buscando revelá-las como constitutivas das culturas da infância, porquanto autorreguladas pelos/nos grupos e reguladoras das suas formas de agir coletivamente se individualmente sobre o mundo. Também evidenciamos as supostas transgressões das crianças, como alternativas encontradas para viverem a infância, construir e criar as culturas infantis.

Esses foram os propósitos que guiaram o estudo, desenvolvido com a lógica da etnografia, com crianças de 1 ano e meio a 6 anos de idade, em momentos de interação no Centro Municipal de Educação Infantil de Itabuna. A partir de um processo de observação participante, acompanhamos as atividades acontecidas no pátio da escola, recreio, festas, momentos de acolhida e brincadeiras livres, banhos de sol no parque, pátio e solário, espaços-tempos definidos pelos adultos, mas ativamente apropriados pelas crianças.

A convivência com elas, durante cerca de oito meses, permitiu uma maior aproximação dos seus modos de ser, sentir, pensar, agir e falar como crianças e entre crianças. Assim, o processo de interação com as crianças e os profissionais da escola, com base nas observações, na interpretação de suas ações, nas entrevistas realizadas, permitiu definir os eixos temáticos, com os quais organizamos e analisamos os dados produzidos na presente pesquisa: **Eixo 1** - Infâncias plurais, o plural da infância: imagens produzidas sobre as crianças e pelas crianças no cotidiano escolar; **Eixo 2** - As crianças como sujeitos culturais e

atores-sociais: traços e retratos, ações e reações; **Eixo 3** – Culturas infantis: subversão, transgressão e construção.

Nesses diferentes eixos temáticos, muitos aspectos foram evidenciados, convergindo para a compreensão de que, para além de uma concepção naturalizada e universal, as crianças revelam por meio das suas relações sociais, brincadeiras, ações, e transgressões/construções, que são sujeitos culturais, atores sociais que produzem cultura, uma cultura que não é fixa e que não se constitui como patrimônio estático, mas em ações sociais, dinâmicas, reflexivas e recíprocas, desenvolvida por elas de forma autônoma e partilhada, pois as culturas infantis são resultado das interações e das relações estabelecidas pelas crianças com o mundo circundante.

Assim, as culturas da infância

constituem-se no mútuo reflexo das produções culturais dos adultos para as crianças e das produções culturais geradas pelas crianças nas suas interações de pares. [...] além de serem cruzadas pelas culturas sociais estabelecidas nas relações desiguais de classe, gênero e etnia. Portanto, as culturas infantis constituem-se num processo criativo tanto quanto reprodutivo (SARMENTO, 2002, p. 7-8)

Neste sentido, o desafio foi compreender, por meio do estudo das culturas infantis, esse processo de “reprodução interpretativa” (CORSARO, 2011), “constitutivo das identidades individuais de cada criança e do estatuto social da infância com categoria geracional” (SARMENTO, 2002, p. 8).

Dessa maneira, a título de síntese, pontuaremos questões que, ao estudar as crianças e as culturas infantis no cotidiano escolar, foi possível construir e evidenciar:

- As crianças não são seres incompletos, inocentes, um vir a ser, mas sim, sujeitos de experiências e culturas próprias, atores-sociais que criam, reproduzem, interpretam, subvertem a ordem e estabelecem uma relação crítica com sociedade;
- As crianças não estão em um universo isolado da vida social e cultural, ao contrário, elas se desenvolvem em um mundo humano, repleto de significados;
- As crianças vivem num mundo em que a cultura lhes fornece significados sociais que permitem a interpretação deste mundo e a sua inserção na sua comunidade (BRANDÃO, 2002);
- O conjunto de significados sociais, modos de ser e agir, não são simplesmente assimilados pelas crianças para serem reproduzidos no cotidiano infantil. As crianças, ao entrar em contato com seus significados, deles se apropriam, recriando-os e atribuindo-lhes sentidos específicos. Dessa forma, ao inserirem-se no mundo

cultural que as cerca, têm a possibilidade de reelaborar e recriar este mundo, e esta sua capacidade de recriar o mundo possibilita que elas se constituam como ser social, histórico e cultural;

- Ser criança em determinado lugar envolve os saberes que circulam nesse lugar, significados que são partilhados com os sujeitos. No caso das crianças pesquisadas, elas crescem num contexto urbano e vivenciam os problemas e as vantagens de fazer parte desse contexto;
- O lugar da criança na escola é um lugar que é construído e conquistado por elas, lugar em que se constituem suas identidades culturais. Nesse lugar, elas estabelecem relações de amizade, resolvem conflitos, criam, recriam, aprendem, ensinam, brincam, transgridem e subvertem a ordem em busca de vivenciar suas experiências sociais e culturais.
- Ao brincar as crianças não apenas reproduzem o que recebem da cultura adulta, mas agem sobre a realidade, constroem-na, interagindo, desenvolvendo ações com outras crianças e produzem culturas ao brincar, pois constroem relações de amizade entre pares, resolvem conflitos, transgridem as ordens pré-estabelecidas, escolhem seus amigos, criam desafios e se propõem a enfrentá-los, interage com a natureza, etc. O brincar para a criança vai além da fruição, do prazer e da liberdade;
- Ao transgredir as regras e normas estabelecidas no cotidiano escolar, a criança busca transpor o que lhes é imposto e determinado, criando assim novas versões e alternativas para vivenciar a infância e cria suas culturas: ter experiências com crianças de faixas etárias diferentes; transpor os limites que separam imaginação e realidade e criar pontes entre brincar e aprender, culturas infantis e culturas adultas, crianças da creche e crianças da pré-escola.
- Ao acolher, registrar e problematizar elementos da cultura infantil em interação com a cultura escolar, há possibilidades de compreender as crianças em seus processos educativos. A escola, inclusive a escola infantil, poderá se tornar um local privilegiado para viver promover uma infância de direitos e ainda, lugar de reflexividade docente, qualificando as ações e interações pedagógicas;
- Pode-se pensar as escolas de Educação Infantil não apenas como espaço de socialização das crianças, onde internalizarão as normas e regras do mundo adulto por meio da ação de uma geração sobre a outra, nem tão pouco como momento de preparação para o ensino fundamental, mas como processo de vida, de construção,

e participação coletiva, em que as culturas das crianças e as culturas para as crianças se integrem; que sejam legitimados e valorizados os conhecimentos e as experiências aprendidas-ensinadas entre as crianças e que se possibilite aos professores aprender com as crianças.

Formosinho (2010) reflete sobre a necessidade de incorporar as crianças em um cotidiano que as respeite e propõe desenvolver outra pedagogia, que denomina de *transformativa*, em que se tome a criança como ser de direitos, compreenda sua competência, escute sua voz para transformar a ação pedagógica em uma atividade compartilhada baseada numa práxis de participação.

Não se trata de cair numa configuração da criança-rei (ARIEËS, 1981), pois o educador tem papel fundamental de mediar e intervir, no sentido de promover um caráter democrático nas relações sociais, não apenas naqueles de natureza vertical que se estabelecem entre adultos e crianças, mas nas relações horizontais entre as crianças, estando atento às hierarquias, desigualdades, rejeições, exclusões e injúrias, mas também para as relações de cooperação e amizade.

Dessa forma, é importante que o adulto-educador seja capaz de conhecer e analisar as práticas sociais infantis, de um ponto de vista sociológico, devolvendo às crianças os problemas por elas observados, e buscando ouvi-las nos problemas que elas próprias identificam. Para tanto, as vozes das crianças, vistas com sujeitos, devem estar mais do que presentes, incluídas nas decisões que se referem à organização dos espaços-tempos da instituição e das suas vidas (BORBA, 2005).

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. A Pesquisa com Crianças em Infâncias e a Sociologia da Infância. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (Orgs.). **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011, p.17-36.

ABREU, Casimiro (1837-1860). **Meus oito anos**. Disponível em: <http://www.portalsao francisco.com.br/alfa/casimiro-de-abreu/meus-oito-anos.php>. Acesso em: 23/07/2012.

ANDRADE, Carlos Drummond (1902-1987). **Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flahsman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

ARROYO, Miguel Gonzalez. A infância interroga a pedagogia. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **Currículo, território em disputa**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entrecruze destas culturas** Educação Sociedade, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1059-1083, out. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 10/09/2012.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira Barbosa. **Por Amor e Por Força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas 1**. Magia e técnica. Arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução e apresentação de notas de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas cidades; Ed 34, 2002.

BHABHA, Home. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BORBA, Ângela Meyer. **Culturas da Infância nos espaços-tempos do brincar: um estudo com crianças de 4-6 anos em instituição pública de educação infantil**. Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, 2005.

BRASIL, **Decreto nº 6.094**. BRASÍLIA de 27/04/2007: Presidência da República Casa Civil, 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6094.htm. Acesso em: 24/09/2012.

BRASIL, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Resolução/CD/FNDE nº 14**, de 08/06/2012: FNDE, 2012.

BRASIL, Ministério da Educação. **Manual Técnico de Arquitetura de Orientação para elaboração de Projetos de Construção de Centros de Educação Infantil**, BRASÍLIA: MEC/FNDE, 2009. Disponível em: www.fnde.gov.br/arquivos/.../130-proinfancia. Acesso em: 24/09/2012.

BRASIL. **Lei 9.394/96**, de 20/12/1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRANDÃO, Carlos R. **A educação como cultura**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2002.

BRENNAN, Ilan. **Isto não é Brinquedo**. São Paulo: Scipione, 2011.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.

BUARQUE, Chico. **Cotidiano**. Disponível em: <http://analisedeletras.com.br/chico-buarque/cotidiano/>. Acesso em: 23/09/2012.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na Era das Mídias: após a morte da infância**. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. Florianópolis. 2006. Disponível em: <http://www.horacio.pro.br/fmp/2012-1/buckingham.pdf>. Acesso em: 14/10/2012.

BUJES, M. I. **Infância e maquinarias**. Porto Alegre: UFRGS/ Faculdade de Educação/ Programa de Pós-graduação, 2001. [Tese de Doutorado].

CARVALHO, Marília Pinto. Um lugar para o pesquisador na vida cotidiana da escola. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília P.; VILELA, Rita Amélia Teixeira (orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**; Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.207-222.

CASTRO, Lúcia Rabelo de. Da invisibilidade a ação: crianças e jovens na construção da cultura. In: CASTRO, L. R. (Org.). **Crianças e jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro: NAU; FAPERJ, 2001.

CAVALHEIRO, Edgar. **Monteiro Lobato: Vida e Obra**. 2 vol. São Paulo: Cia.Editora

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. 11 ed. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CORSARO, William. **Entrada no Campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas**. Educação & Sociedade, vol. 26, nº 91, maio-agosto, 2005, p. 443-464.

_____. **Uma discussão geral sobre etnografia**. Informação fornecida no Curso Reprodução interpretativa e cultura de pares em crianças. Faculdade de Educação da Unicamp. Porto Alegre, 2007. (texto digitado).

_____. Reprodução interpretativa e cultura de pares In: MULLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida. **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artemed, 2011.

COSTA, Nataly. **Blogs feitos por crianças se espalham pela web**. Estadão de São Paulo – 04/11/2012, 2h08. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,blogs-feitos-por-criancas-se-espalham-pela-web-955395,0.htm>. Acesso em: 05/11/2012.

CRISTENSEN Pia; JAMES, Alisson. **Investigação com crianças**: Perspectivas e práticas. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2005.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Política Indigenista no Século XIX . In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, FAPESP, Secretaria Municipal de Cultura. [2003].

CUNHA, Myrtes Dias da. **Constituição de professoras no espaço-tempo da sala de aula**. Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas, 2000. Tese Doutorado em Educação (Faculdade de Educação).

DELALANDE, Julie. As crianças na escola: pesquisas antropológicas. In: FILHO, Altino Jose Martins; PRADO, Patrícia Dias [orgs.]. In: **Das pesquisas com crianças**: à complexidade da infância. Campinas, SP: Autores Associados, 2011, p.127-156.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, Fernanda. Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças. In: CRUZ, Sílvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2008, p.141-157.

_____. Em busca de metodologias investigativas com crianças e suas culturas. In: **Cadernos de Pesquisa**. Fundação Carlos Chagas. São Paulo, v.35, nº125, p.161-179, 2005.

DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos escapam**: da criança na rua a criança cyber. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DOURADO, Ana; DABAT, Christine; ARAÚJO, Teresa. Crianças e Adolescentes nos Canaviais de Pernambuco. In: PRIORI, Mary Del. **Histórias das Crianças no Brasil**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 405-436.

DOURADO, Ana Cristina Dubeux. **História da infância e direitos da criança**. Edição Especial, Ano XIX – Nº 10 – Setembro/2009.

DUBET, François. A experiência social e a ação. In: **Sociologia da experiência**. Lisboa/Portugal: Instituto Piaget, 1996, p. 93-108.

ESTEBAN, Maria Tereza. Dilemas para um a pesquisadora com o cotidiano. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Método: Pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ESTEBAN, Maria Tereza. **Educação Popular**: desafio à democratização da escola pública. Caderno Cedes, Campinas, vol. 27, nº 71, p. 9-17, jan./abr.2007.

FARIA, Ana Lúcia Goulart. **Educação pré-escolar e cultura**: para uma pedagogia da educação infantil. Campinas/SP: Editora da UNICAMP; São Paulo: Cortez, 1999.

_____. Pedagogia do lugar: pequena coleção para colaborar na construção e ocupação dos territórios da infância. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart; MELLO, Sueli (org.) **Territórios da Infância**: linguagens, tempos e relações para uma pedagogia para as crianças pequenas, Araraquara: Junqueira & Marin, 2007.

FERNANDES, Cinthia Votto. **Eu gosto de brincar com os do meu tamanho**: culturas infantis e cultura escolar – entrelaçando para o pertencimento etário na instituição escolar, Dissertação de Mestrado – Porto Alegre/BR - RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008.

FERREIRA, Ascenso (1895 -1965). **Minha Escola**. Jornal de Poesias. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/af.html> Acesso em: 08/07/2012

FERREIRA, Maria Manuela Martinho. “Branco Demasiado” ou... reflexões epistemológicas, metodológicas e éticas acerca da pesquisa com crianças. In: SARMENTO, Manuel J.; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs.). **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. Do avesso do brincar ou... as relações entre pares, as rotinas da cultura infantil e a construção da (s) ordem (ns) social (is) instituinte (s) das crianças no jardim-de-infância. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERIZARA, Ana Beatriz. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e da educação**. Porto: ASA, 2004.

FIGUEIREDO, Milene Santos dos; TOMAZETTI, Elisete Medianeira. **Infância, Escola e Mídia**: a(s) cultura (s) infantil (is) em discussão. TEIAS: Rio de Janeiro, ano 8, nº 15-16, jan/dez 2007.

FILHO, Altino José Martins. Jeitos de ser criança: balanço de uma década de pesquisas com crianças apresentadas na ANPED. In: FILHO, Altino José Martins; PRADO, Patrícia Dias. (Org.). **Das pesquisas com crianças: à complexidade da infância**, Campina, SP: Autores Associados, 2011, p 81-106.

_____. (et al.). **Infância plural**: crianças do nosso tempo. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FONSECA, Claudia. **Quando cada caso NÃO é um caso**: pesquisa etnográfica e educação. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Marc/Abr, nº10, 1999.

FRATE, Dilea. **Histórias para acordar**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 1997.

FROEBEL, Friedrich. **A educação do homem**. Tradução de Maria Helena Câmara Bastos. Passo Fundo: UPF, 2001.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar**: a escola do mundo ao avesso. Rio de Janeiro: LP&M, 1999.

GARCIA, Regina Leite (Org.). **Diálogos Cotidianos**. Petrópolis/RJ: DP ET Alii. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

GHEDIN, Elodie. FRANCO M. A. A etnografia como paradigma de construção do processo de conhecimento em educação: In:_____. **Questões de Método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 179-208.

GOBBI, Márcia Aparecida; LEITE, Maria Isabel. **O desenho da criança pequena**: distintas abordagens na produção acadêmica em diálogo com a educação. Trabalho apresentado na Reunião Anual da ANPED, GT de Educação Infantil, Caxambu/MG, 1999.

_____. Num Click: meninos e meninas nas fotografias. In: FILHO, Altino Jose Martins; PRADO, Patrícia Dias [orgs.]. In: **Das pesquisas com crianças: à complexidade da infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011, p. 127-156.

GÓES, Jose Roberto de. FLORENTINO, Manolo. Crianças escravas, crianças dos escravos. In: PRIORE, Marly Del. **Histórias das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 177-191.

GONZÁLES REY, Fernando. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia**: caminhos e desafios. Tradução Marcel Aristides Silva. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2002.

GRAUE, Elizabeth; WALSH, Daniel. **Investigação etnográfica com crianças**: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Antropologia Criança e Aprendizagem Pro-Posições**. Campinas, v. 23, n. 2 (68), maio/ ago. 2012, p. 161-178.

_____. **Antropologia, processo educativo e oralidade**: um ensaio reflexivo. Pró-Posições. Revista da Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas/SP, vol. 14, n. 1 (40), jan./abr. 2003.

_____. **Linguagem, Cultura e alteridade**: imagens do outro. Caderno de Pesquisa. São Paulo, n. 107, julho 1999. p. 41-78.

HOMES, Oliver. **Crianças sírias contam sobre espancamento, queimaduras e choques**. Estado de São Paulo, 25/09/2012, 15h16. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,criancas-sirias-contam-sobre-espancamento-queimaduras-e-choques,935671,0.htm>. Acesso em: 05/11/12.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**: a organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HUGO, Victor. **Poesia da Infância**. Tradução: Zélia Anita Viviani, Marie-Hélène Catherine Torres e Noêmia Guimarães Soares. Rio Grande do Sul/SC EdUFSC, 2002.

INFORGOSPEL. **Pregadores Mirins X Pecadores do mundo**. Blog O Diário, 2011. Disponível em: <http://blogs.odiarario.com/inforgospel/2011/09/16/pregadores-mirins-x-pecadores-do-mundo/>. Acesso: 05/11/2012

ITURRA, Raúl. O jogo e a experimentação pessoal na infância: uma hipótese exploratória. In: **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Ano XXVI, n. 3, Portugal, p. 493-501, 1992.

JOBIM e SOUZA, Solange. **Infância e Linguagem**: Bakthin, Vygotsky e Benjamim. Campinas, SP: Papirus, 1994.

JUNIOR, Deusdedith. **O território do Cotidiano**. Disponível em: <http://www.homemdocerrado.com/PDF/territoriocotidiano.pdf>. Acesso em: 20/08/2010.

KOHAN, Walter Omar. Infância e Educação em Platão. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n. 1, p. 11-26, jan/jun. 2003, p. 22.

KOHATSU, Lineu Norio. O uso do vídeo na pesquisa do tipo etnográfica: uma discussão sobre o método. In: **Psicologia da Educação**. São Paulo, 24, 2º semestre de 2007, p.55-74.

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil**: a arte do disfarce. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. Infâncias e Educação Infantil: reflexões e lições. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Departamento de Educação, n. 34, maio, 1998.

_____. Infância e educação: o necessário caminho de trabalhar contra a barbárie. In: KRAMER, Sônia (org). **Infância e educação infantil**. Campinas: Papirus, 1999, p. 269-280.

_____. Crianças e Adultos em diferentes contextos – Desafios de um percurso de pesquisa sobre infância, cultura e formação. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. **Estudos da Infância**: educação e práticas sociais. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 171.

KRAMER, Sônia. **Infância, Cultura Contemporânea e Educação contra a Barbárie**. Texto apresentado na conferência do “Seminário Internacional OMEP. Infância – Educação Infantil: reflexões para o início do século”. Brasil, jul. 2000. Disponível em: <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=41&path%5B%5D=43> Acesso em: 18/07/2012.

KUHLMANN JR., M. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**. História & histórias. 4ª edição. São Paulo: Ática, 2009.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan/abril 2002.

LARROSA, J. **Pedagogia profana**: danças piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica. 2010.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens Negros: um Breve Perfil na Literatura Infanto- Juvenil. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. Organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 101-116.

LOBATO, Monteiro. **Narizinho Arrebitado**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. **Negrinha**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LOPES, Ana Elisabete. Foto-grafias: as artes plásticas no contexto da escola especial. In: KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel (Orgs.). **Infância e produção cultural**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998. p. 75-107.

MARCHI, Rita. C. de. **Os sentidos (paradoxais) da infância nas ciências sociais**: um estudo de sociologia da infância crítica sobre a “não criança” no Brasil. Tese (Doutorado em Sociologia Política) PPGSP: UFSC, 2007.

MARTINS, Beatriz O. S. M. **O que dizem as crianças de um bairro de periferia, sobre as experiências da infância na época contemporânea** (Dissertação de Mestrado em Educação). Florianópolis: UDESC, 2004.

MORAES, Elisângela Marques. **A Infância pelo olhar das crianças do MST**: ser criança, culturas infantis e educação. Dissertação (Mestrado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação), Belém, 2010.

NASCIMENTO, Maria Letícia Barros Pedrosa. Reconhecimento da sociologia da infância como área de conhecimento e campo de pesquisa: algumas considerações. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (Org.) **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011, p.17-36.

OLIVEIRA, Alessandra Mara Mota. **A Infância sob o olhar de crianças no interior da creche**. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2001.

OLIVEIRA, Fabiana; TEBET, Gabriela Guarniere de Campos. In: ABRAMOWICK, Anete; MORUZZI, Andrea Braga. **O plural da infância**: aportes da sociologia. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2010, p. 39-54.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória na pesquisa em educação. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de. ALVES, Nilda (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**: sobre redes de saberes. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PAULA, Elaine de. **“Deu, já brincamos demais!”** As vozes das crianças diante da lógica dos adultos na creche: transgressão ou disciplina? Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

PEIXOTO, Clarice. **O jogo dos espelhos e das identidades: as observações comparada e compartilhada**. Horizontes Antropológicos – Antropologia Visual, Porto Alegre, PPGAS, nº 2, 1995, p.69-84.

PEREIRA, Rachel Freitas. **As crianças bem pequenas na produção de suas culturas**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, 2001.

PEREIRA, Reginaldo Santos. **O lúdico e a constituição de sujeitos no cotidiano de uma escola de educação infantil**. Uberlândia/MG: Universidade Federal de Uberlândia – UFU, 2008, Dissertação de Mestrado em Educação.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes e SOUZA, Jobim e Souza. Infância, Conhecimento e contemporaneidade. In: **Infância e Produção Cultural**, Campinas, SP: Papirus, 1998, p. 25-42.

PINTO, Manuel. A Infância como Construção Social. In: SARMENTO, Jacinto (Org.). **As Crianças: Contextos e Identidades**. Portugal: Universidade do Minho, Centro de Estudos da Criança, 1997.

PLAISANCE, Eric. Para uma sociologia da pequena infância. Educação e Sociedade. In: **Revista de Ciência da Educação**. Campinas/SP, v.25, n.86, p. 221-241, abril 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABUNA. **PME**: Plano Municipal de Educação de Itabuna/BA, 2008. Disponível em: www.itabuna.ba.gov.br/educacao/v1/archives/doc/PME.pdf. Acesso em: 23/09/2012.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. São Paulo: Graphia, 1999.

PRADO, Patrícia Dias. Quer Brincar Comigo? Pesquisa, brincadeira e educação infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (orgs). **Por Uma Cultura da Infância**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2005. p. 93-111.

_____. “A gente gosta é de brincar com os outros meninos!” Relações sociais entre crianças num jardim de infância. In: **Educação & Sociedade**. Campinas, São Paulo, v. 26, n. 91, p. 683-688, maio/ago. 2005a.

_____. **Contrariando a idade**: condição infantil e as relações etárias entre crianças pequenas da Educação Infantil. Campinas/SP. Tese de Doutorado. FEUNICAMP, 2006.

PRIORE, Marly Del. **Histórias das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 267.

QUINTEIRO, Jucirema. Infância e educação no Brasil: um campo de estudos em construção. In: FARIA, Ana Lúcia; DEMARTINI, Zélia B. F; PRADO, Patrícia Dias (Orgs). **Por uma cultura da infância**: metodologias de pesquisa com crianças. Campinas/SP. Editora Associados, 2004.

_____. **Infância:** uma relação marcada por preconceitos. Campinas, 2000. Tese de Doutorado em Ciências Sociais Aplicada à Educação – Universidade de Campinas/SP.

RAMOS, Fábio Pestana. A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI. In: PRIORE, Marly Del. **Histórias das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 19-54.

ROCHA, Eloisa Acires Candal Rocha. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Sílvia Helena Vieira (Org.). **A Criança Fala:** a escuta de crianças em pesquisas. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2008, p.43-51.

ROCHA, Rita de Cássia Luiz da. História da infância: reflexões acerca de algumas concepções correntes. In: **ANALECTA**, Guarapuava: Paraná v. 3 no 2 p. 51-63 jul/dez. 2002.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Tradução Roberto Leal Ferreira. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: **Cadernos Noroeste**. Série Sociologia. v. 13, .2 Braga: IEC/ Universidade do Minho, 2000.

_____. **Imaginário e Culturas da Infância**, Projeto POCTI/CED/2002.

_____. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VIDELA, Rita Amélia Teixeira (orgs.). **Itinerários de pesquisa:** perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.137-179.

_____. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. **Crianças e Miúdos** – perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação. Porto: ASA Ed., 2004.

_____. Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da Sociologia da Infância. In: **Educação & Sociedade**. n. 91. v. 26 (Dossiê Temático Sociologia da Infância: Pesquisas com Crianças). CEDES – Brasil, 2005.

_____. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELOS, V. M. R.; SARMENTO, M. J. (Org.). **Infância (in)visível**. Araraquara: J&M Martins, 2007.

_____. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel J.; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs.). **Estudos da infância:** educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil:** um estudo de professores de creche. Tese de Doutorado – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SILVA, Juliana Pereira; BARBOSA, Silvia Neli Falcão; KRAMER, Sônia. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças. In: CRUZ, Sílvia Helena Vieira (Org.). **A Criança Fala:** a escuta de crianças em pesquisas. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2008, p.141-157.

SILVA, Maurício Roberto. Prefácio: Achadouros de Infância. In: FILHO, José Altino Martins [et.al.]. **Infância plural:** crianças do nosso tempo. Porto Alegre: Mediação, 2006, p.5-12.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de história da cultura brasileira.** 9ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

SOUZA, Solange Jobim. **Subjetividade em questão:** a infância como crítica da cultura. São Paulo: 7 Letras, 2000.

STURM, Heloísa. **Cresce nº de crianças acolhidas por abuso de drogas.** ESTADÃO DE SÃO PAULO - 28 de setembro de 2012 | 18h 52. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,cresce-n-de-criancas-acolhidas-por-abuso-de-drogas,937379,0.htm>. Acesso em: 05/11/12.

TONUCCI, Francesco. **Quando as crianças dizem: agora chega!** – Tradução Alba Olmi. – Porto Alegre: Artmed, 2005.

_____. **Frato 40 anos:** com olhos de Criança. Tradução Maria Carmen Silveira Barbosa. Porto Alegre: Artmed, 2008.

VASCONCELOS, Teresa. Ao ritmo de um cortador de relva: entre o “está lá”, o “está aqui”, e o “está com”: dilemas e complexidades da etnografia em caminhos pós-modernos de multivocalidade. In: **Educação Sociedade & Cultura**, nº14, 2000, p.37-58.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores, 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Imaginação e criação na infância:** ensaio psicológico, São Paulo: Ática, 2009.

VIANA, Ieda, CORTELAZZO, Iolanda Bueno de Camargo. Cultura escolar: saberes, práticas e processos comunicacionais no cotidiano. **Tuiuti:** Ciência, n. 41, p.43-60, jan-jun, 2009.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola.** 4 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM AS CRIANÇAS

QUESTÕES PESSOAIS:

NOME: _____ IDADE: _____
SEXO: _____ COR: _____
RELIGIÃO: _____

QUESTÕES RELACIONADAS À PESQUISA:

1. VOCÊ É CRIANÇA OU ADULTO?
2. O QUE CRIANÇA FAZ? É BOM SER CRIANÇA?
3. O QUE ADULTO FAZ?
4. O QUE VOCÊ MAIS GOSTA DE FAZER NA ESCOLA? QUAL O LUGAR DA ESCOLA QUE VOCÊ MAIS GOSTA?
5. O QUE VOCÊ NÃO GOSTA DE FAZER NA ESCOLA? QUAL O LUGAR DA ESCOLA QUE MENOS GOSTA.
6. O QUE APRENDE NA SUA ESCOLA? COM QUEM APRENDE?

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM AS PROFESSORAS

QUESTÕES PESSOAIS:

Nome: _____ Idade: _____
 Sexo: _____ Raça/Cor: _____ Religião: _____

QUESTÕES DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL:

1. Tipo de formação:

- () Ensino Médio _____ Instituição Pública () Particular ()
 () Graduação _____ Instituição Pública () Particular ()
 () Pós-graduação _____ Instituição Pública () Particular ()

2. Tempo de atuação na Educação: _____ Educação Infantil: _____

3. Nesse momento por que atua na Educação Infantil?

- () Escolha própria
 () Imposição. _____
 () Outro. _____

4. O que é ser um professor da/na Educação Infantil?

5. Ser professor da Educação Infantil numa instituição que foi projetada para atender crianças de 0 a 5 anos é importante? É diferente? Por quê? Em que essa estrutura favorece ou desfavorece no trabalho com as crianças e na interação com outros profissionais da instituição?

6. Como poderíamos conceituar a importância dessa estrutura física para o trabalho com as crianças?

- () Muito relevante () Relevante () Pouco relevante () Sem nenhuma relevância

7. Qual o papel da Educação Infantil na formação da criança?

QUESTÕES RELACIONADAS À PESQUISA

1. Em sua opinião, como as crianças se comportam na escola? Se você fosse fazer um retrato falado das crianças, como você as descreveria?
2. Você faz planejamento? Como acontece? Como as crianças aparecem nele? O que você leva em consideração quando faz seu planejamento?
3. Que atividades você contempla no seu planejamento? Dessas, qual se faz mais presente na sua rotina?
4. O brincar como prática cultural faz parte da rotina das crianças? Existe momentos e lugares específicos para o brincar (Recreio/ Parque/ Espaço do Solare)? Qual? O que você faz nesses momentos? Por que acontece dessa forma?
5. O que você observa das brincadeiras das crianças? Como você vê as brincadeiras das crianças? Do que elas gostam? Como são esses brinquedos/ brincadeiras que elas gostam?
6. Como poderia definir Infância. Existe uma única infância? Podemos falar de infância ou infâncias?
7. Como poderia definir criança em apenas uma frase.

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA
COM OS RESPONSÁVEIS.**

1. O que é ser criança?
2. Por que matriculou seu (a) filho (a) na Educação Infantil? O que espera da escola ele (a) frequenta?
3. O que seu (a) filho (a) faz quando não está na escola? Do que brinca e com quem? Que outros espaços frequentam?
4. Com quem seu filho (a) aprende no contexto familiar? Como? O que aprende?
5. Você aprende com seu (a) filho (a)? O que?

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

RECREIO/ ACOLHIDA/ FESTEJOS

1. Como as crianças se agrupam e constitui seus grupos de pares?
2. Como organizam suas brincadeiras
3. De que brincam? Como brincam
4. O que aprendem o que ensinam?
5. O que conversam?
6. Como resolvem os conflitos que surgem durante as brincadeiras? Como criam as regras?
7. Quais as experiências vivenciadas pelas crianças?
8. Como reagem a minha presença?
9. Como reagem a elementos novos inseridos neste momento?
10. O que fazem e dizem os professores e demais funcionários durante esses momentos?
11. Como interage com os adultos?
12. Que tipos de ações as crianças desenvolvem entre si?
13. Que critérios utilizam para se agruparem em núcleos e estabelecer amizades?
14. Quais estratégias utilizam para participar dos grupos de crianças?
15. Como resolvem seus conflitos entre si?
16. Questões sociais são problematizadas pelas crianças?
17. O que promove o sentimento de pertença a um grupo?
18. Quais requisitos para eleger quem deles participa?
19. Como acontecem as ações convidativas de busca pelo o outro?
20. Como as crianças resolvem situações de rejeição e de conflitos?
21. Quais são as estratégias de negociação e participação utilizadas pelas crianças?
22. Como reproduzem de forma interpretativa as culturas dos adultos e de outras crianças?
23. Como a cooperação, solidariedade, as construções coletivas, liberdade, democracia aparecem nesses momentos?
24. Como novas alianças são feitas diante situações de rejeição, disputa e conflito.



Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
E-Mail: ppged@faced.ufu.br
Av. João Naves de Ávila, nº 2121– Campus Stª Mônica – Bloco “G”. CEP 38.400-092 – Uberlândia/MG.
Telefax: (034) 3239-4212

Uberlândia, 9 de março de 2012

AO
CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL PROFESSOR GIL NUNESMAIA
ATT. Diretora
Itabuna-BA

Prezada Senhora,

Tendo em vista que a pesquisadora **Gleisy Vieira Campos**, número de matrícula 11112EDU014, é aluna regular do programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia e vem desenvolvendo a pesquisa cujo tema é **Práticas Culturais das Infâncias**, solicitamos a V. S.^a, que a referida aluna possa ter acesso às dependência do Centro Municipal de Educação Infantil Professor Gil Nunesmaia, para que a mesma dê prosseguimento ao seu trabalho de pesquisa. Nesse sentido, pleiteamos que seja permitida a reprodução de imagens (fotográficas, videogravação), acesso a documentos, realização de observações e entrevistas com professoras, diretora e crianças da referida instituição.

Para quaisquer esclarecimentos adicionais, colocamo-nos a seu inteiro dispor.

Atenciosamente,

Profa. Dra. Myrtes Dias da Cunha.



Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
E-Mail: ppged@faced.ufu.br
Av. João Naves de Ávila, nº 2121– Campus Stª Mônica – Bloco “G”. CEP 38.400-092 – Uberlândia/MG. Telefax:
(034)3239-4212

TERMO DE CONSENTIMENTO (Professora)

Pelo presente consentimento, declaro que fui informada de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do Projeto de Pesquisa intitulado: **As Práticas Culturais das Infâncias**, desenvolvido pela mestranda Gleisy Vieira Campos, do programa de Pós-Graduação Stricto Senso - Mestrado em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação da professora Dra. Myrtes Dias da Cunha.

Tenho conhecimento que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa. Entendo que não serei identificado (a) e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a minha privacidade.

Concordo em participar desse estudo e autorizo, para fins exclusivamente dessa pesquisa, a utilização das imagens e dados coletados nas observações e entrevistas, respeitando-se as normas éticas quanto à minha identificação, bem como das crianças de minha turma.

Itabuna, 27 de abril de 2012.

Professora: Alessandra Santos O. Silva _____

Pesquisadora/ Mestranda: Gleisy Vieira Campos _____



Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
E-Mail: ppged@faced.ufu.br
Av. João Naves de Ávila, nº 2121– Campus Stª Mônica – Bloco “G”. CEP 38.400-092 – Uberlândia/MG. Telefax:
(034)3239-4212

TERMO DE CONSENTIMENTO (Diretora)

Pelo presente consentimento, declaro que fui informada de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do Projeto de Pesquisa intitulado: **As Práticas Culturais das Infâncias**, desenvolvido pela mestranda Gleisy Vieira Campos, do programa de Pós-Graduação Stricto Senso - Mestrado em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação da professora Dra. Myrtes Dias da Cunha.

Tenho conhecimento que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa. Entendo que não serei identificado (a) e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a minha privacidade.

Concordo em participar desse estudo e autorizo, para fins exclusivamente desta pesquisa, a utilização das imagens e dados coletados nas observações e entrevistas, respeitando-se as normas éticas quanto à minha identificação, bem como das professoras e crianças do Centro de Educação Infantil.

Itabuna, 27 de abril de 2012.

Diretora: Maria Tereza Bonfim Viana _____

Pesquisadora/ Mestranda: Gleisy Vieira Campos _____



Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
E-Mail: ppged@faced.ufu.br
Av. João Naves de Ávila, nº 2121– Campus Stª Mônica – Bloco “G”. CEP 38.400-092 – Uberlândia/MG. Telefax:
(034)3239-4212

TERMO DE CONSENTIMENTO (Responsáveis)

Pelo presente consentimento, declaro que fui informada de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do Projeto de Pesquisa intitulado: **As Práticas Culturais das Infâncias**, desenvolvido pela mestranda Gleisy Vieira Campos, do programa de Pós-Graduação Stricto Senso - Mestrado em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação da professora Dra. Myrtes Dias da Cunha.

Tenho conhecimento que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa. Entendo que não serei identificado (a) e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a minha privacidade.

Autorizo para fins exclusivamente desta pesquisa, a utilização das imagens e dados coletados nas observações e entrevistas, respeitando-se as normas éticas quanto à identificação do meu filho (a).

Itabuna, 27 de abril de 2012.

Responsável: Alessandra Santos O. Silva _____

Pesquisadora/ Mestranda: Gleisy Vieira Campos _____

ANEXOS

FICHA DE ANAMNESE
EDUCAÇÃO INFANTIL – CRECHE

I - IDENTIFICAÇÃO:

Nome:	Apelido:
Idade:	Data de Nascimento:
Naturalidade:	Nacionalidade:
Endereço:	
Bairro:	Telefone:

II - ÁREA FAMILIAR:

Pai:		Idade:	
Escolaridade:		Naturalidade:	
Profissão ou situação profissional:			
Mãe:		Idade:	
Escolaridade:		Naturalidade:	
Profissão ou situação profissional:			
Os pais vivem juntos:	☐ Sim	☐ Não	
A criança reside com os pais:	☐ Sim	☐ Não	
Além dos pais e irmãos, quem vive na mesma casa com a criança?			
No caso de não residir com os pais, informe com quem reside:			
Tem irmãos?	☐ Sim ☐ Não	Quantos?	Qual sua posição entre eles?
Como reagiu ao nascimento de novos filhos?			
Qual controle é exercido pela família?	☐ Rígido	☐ Variado	☐ Democrático
Que tipos de limites são exercidos pela família?	☐ Castigo Físico	☐ Privações	☐ Outros

III – ANTECEDENTES PESSOAIS:

Sono (tranquilo, agitado, dorme sozinho, etc.).	Alimentação (amamentação, mamadeira, comida de sal, etc.).	Desenvolvimento psicomotor (andar, falar, etc.).
---	--	--

Desenvolvimento:

Concepção (planejada, desejada, etc.).	Gestação (pré-natal, fez uso de medicamentos, drogas, etc.).	Condição de Nascimento (parto Cesário, normal, pré-maturo, etc.).
--	--	---

Esfíncteres (controla, usa fraldas, etc.).	Fobias:	Sociabilidade:
--	----------------	-----------------------

IV – ÁREA DE SAÚDE:

Peso inicial:		Peso atual:	
Altura inicial:		Altura atual:	
Em caso de emergência devemos procurar:		Telefone:	
Doenças			
Vacinação Completa:	☐ Sim	☐ Não	
Esta fazendo algum tipo de tratamento médico:	☐ Sim	☐ Não	
É alérgico?	☐ Sim	☐ Não	
Tem algum tipo de deficiência? Qual?			
Motora ()	Visual ()	Auditiva ()	Linguística ()

V – PERFIL SOCIOECONÔMICO:**Habitação (condições de moradia)**

Margem do rio/ riacho/esgoto: ()		Pau a pique: ()	
Bloco ()	Tábua ()	Taipa ()	Papelão ()
Vaso Sanitário ()	Fossa ()	Não há ()	Outro: _____
Casa Própria ()	Alugada ()	Cedida ()	
Número de pessoas na casa: _____		Número de cômodos: _____	

Saneamento Básico:

Água encanada diária: ()	Água encanada periódica: ()	Não falta ()	Cisterna/Poço ()
Não há água encanada: ()		Cacimba ()	
Esgotamento sanitário:	Fossa tratada ()	Céu aberto ()	Não há ()

Data: ____/____/_________
Assinatura do Professor_____
Assinatura do Responsável



Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

E-Mail: ppged@faced.ufu.br
Av. João Naves de Ávila, n° 2121- Campus Stª Mônica - Bloco "G". CEP 38.400-092 - Uberlândia/MG.
Telefax: (034)3239-4212

Uberlândia, 9 de março de 2012

AO
CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL PROFESSOR GIL NUNES MAIA
ATT. Diretora

Itabuna-BA

Prezada Senhora,

Tendo em vista que a pesquisadora **Gleisy Vieira Campos**, número de matrícula 11112EDU014, é aluna regular do programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia e vem desenvolvendo a pesquisa cujo tema é **Práticas Culturais das Infâncias**, solicitamos a V. S.^a, que a referida aluna possa ter acesso às dependência do Centro Municipal de Educação Infantil Professor Gil Nunes Maia, para que a mesma dê prosseguimento ao seu trabalho de pesquisa. Nesse sentido, pleiteamos que seja permitida a reprodução de imagens (fotográficas, vídeo-gravação), acesso a documentos, realização de observações e entrevistas com professoras, diretora e crianças da referida instituição.

Para quaisquer esclarecimentos adicionais, colocamo-nos a seu inteiro dispor.

Atenciosamente,

Myrtes Dias da Cunha
Profa. Dra. Myrtes Dias da Cunha

Recebido em
27/04/2012
Diretora
Aut. 180/2010